

## Biossociabilidade contemporânea e a expressão travesti

Wiliam Siqueira Peres\*

Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP

*Assim como no caso dos meninos de rua, o problema não é o travesti.*

*A questão é quem os mata, espanca e desdenha.*

*Talvez possamos estabelecer uma linha de comunicação entre o risinho no canto direito da boca do intelectual macho (ou do gay respeitado) com a bala que fere o seio esquerdo do travesti.*

*O risinho cria na verdade a ambiência que neutraliza a decisão de apertar o gatilho.*

*(Hélio R. S. Silva - Travesti: a invenção do feminino.)*

**Resumo:** Este ensaio se orienta por pesquisas foucaultianas que estudam as experiências da dor. Para além da dor física, procuramos cartografar algumas cenas que evidenciem a experiência da dor subjetiva, a dor invisível, a dor da estigmatização e da exclusão social vivida por algumas travestis da cidade do Rio de Janeiro. Ao fazer a cartografia dessas experiências, “rachamos” as cenas, de modo a problematizar sobre a emergência e a proveniência dos diversos componentes que participam dessas experiências da dor, que tanto contribuem para o aumento das vulnerabilidades que colocam essas pessoas frente a riscos e discriminação. De modo geral, mesmo diante das dificuldades geradas pelos preconceitos e exclusões que produzem tanta dor física e subjetiva vivida pelas travestis, podemos perceber um outro movimento, mais político e emancipatório, que toma a experiência da dor como dispositivo de luta reivindicatória por direitos a ter direitos de participar das tomadas de decisões da sociedade e de construir suas cidadanias.

**Palavras-chave:** transgênero; travesti; estigmatização; dor; cidadania.

**D**entre as configurações dos modos de existir no mundo contemporâneo, temos percebido as preocupações com o cuidado de si, intensificadas pelas paisagens da violência (guerras, crimes, agressões), da insegurança (desempregos, assassinatos, doenças crônicas) e violações dos direitos humanos (opressões sexuais, raciais/étnicas e de gêneros), emanados por uma cultura de si,

pelo fato de que a arte da existência (...) se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso “ter cuidados consigo”; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática. (FOUCAULT, 1985, p. 49)

---

\* Professor Assistente junto ao Departamento de Psicologia Clínica da UNESP-FCL, C. Assis-SP;Doutorando em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ;Coordenador de Oficinas de Cidadania para Travestis da ONG Ade Fidan/Casa de Vivência “Saara Santana”

A relação com os modos de existencialização participa da construção da biossociabilidade e de uma bioascese, que são marcados por preocupações estéticas corporais, que mais nos levam a pensar a respeito de um corpo do *design* (estética, padrão de beleza) do que de um corpo do desejo (intensidade afetiva) propriamente dito (LE BRETON, 1998).

Os modelos de corpos disponibilizados pela mídia para serem construídos e consumidos acabam provocando uma reação desejante nas pessoas, de modo a levá-las a se preocuparem com práticas consideradas saudáveis, como a alimentação mais natural, a estética corporal, a reposição hormonal, os exercícios físicos e uma redução do tabagismo e do álcool, que delineiam uma dietética cada vez mais afinada, propiciando, assim, a construção de um corpo esbelto e saudável para a admiração e o desejo do outro.

Estudos recentes a respeito dessas práticas (GUSFIELD, 1992; MORRIS, 2000; ARMSTRONG, 1998; ECKERMANN, 2000) têm demonstrado a intensificação dessas preocupações, muitas vezes fazendo com que as pessoas limitem a busca dos prazeres (construção e consumo dos *designs*), que antes se associavam a alguns excessos, e agora se mostram mais censuráveis e questionados, principalmente se referidos àquilo que Foucault (1985) demonstrou nos estudos sobre a sexualidade e que denominou “dietéticas”. Nada de comidas calóricas (massas, doces), nem vida sedentária sem exercícios físicos ou atividades improdutivas. Cada vez mais as pessoas se cobram quanto a práticas de exercícios físicos, dietas e, por pressão do politicamente correto, à redução de danos por drogas, quer sejam elas lícitas ou ilícitas.

Frente às novas demandas, vemos o desfile de corpos cada vez mais padronizados por uma estética do magro e do saudável, ou seja, corpos que acabam sendo construídos dentro de uma perspectiva visual que demarca cada vez mais a perspectiva do *design*, associados a imagens de conquista, sucesso e poder.

Surge a ditadura do *design*, que normaliza padrões estéticos mas que, diante da própria ação do poder, que traz em seu bojo uma resistência (FOUCAULT, 1985), embaralha os códigos de inteligibilidade, misturando as referências de beleza, de saúde e de gêneros, borrando o contorno das formas, confundindo os significados, criando, assim, uma zona de turbulência e de indiferenciação que se aproxima de um estado de *non sense*. (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

As referências que dispomos sobre sexualidades e gêneros já não se mostram suficientes como categorias de análise, solicitando novas agendas de estudos e de pesquisas sobre as novas identidades sexuais e de gêneros que vêm ganhando expressão nos últimos anos (LOURO, 1999).

Nos últimos dez anos, temos nos relacionado com práticas de prevenção em DSTs/HIV/AIDS que, por sua vez, solicitam cuidados de si voltados para as práticas sexuais, mas também para as práticas de produção de formas saudáveis de vida, que nos levam a solicitar preocupações com a alimentação, com o funcionamento corporal e a qualidade de vida e de relações com os outros e consigo mesmos.

Dentre as práticas voltadas para a prevenção das DSTs/HIV/AIDS que realizamos com diversas populações (jovens, mulheres, terceira idade), temos priorizado uma certa camada da população que, por exacerbar as formas estéticas e práticas sexuais voltadas para o profissionalismo sexual, vem sendo muito discriminada, quando não violentada física e emocionalmente : as travestis.

Por viverem freqüentemente em situação de exclusão social (BENEDETTI, 2000; SILVA, 1993; KLEIN, 1998; KULICK, 1998), as travestis ocupam lugar de altíssima vulnerabilidade frente ao HIV/AIDS, mas também frente às estigmatizações e discriminações pelas quais são expostas cotidianamente, denunciando o descaso e a falta de empenho de políticas públicas e de condições de acesso a bens e serviços de qualidade para com essa população.

Por serem excluídas dos sistemas educacionais e profissionalizantes, encontram na prostituição a única forma de prover seus sustentos, reproduzindo modelos que foram marcados por identificações com a mãe, a prostituta e a vedete (FERNANDEZ, 2000)

Do contato direto com as associações representativas das travestis, temos vivenciado as mais diversas situações na relação com elas, sejam nas oficinas que monitoramos, nas festas que organizam, ou ainda nas conversas mais íntimas e pormenorizadas. Estas experiências e práticas se modelam por aquilo que Giddens (1993) tem chamado “experiências sociais do cotidiano”.

Entre nossas experiências, fazemos um recorte dos modos como as travestis compõem seus universos relacionais com o mundo circundante, com as pessoas e consigo mesmas, através de observações etnográficas que realizamos durante o ano de 2001, quando participamos do Projeto TRAVESTEA – Travestis em Ação, cujas integrantes se reuniam semanalmente no Grupo Pela Vida do Rio de Janeiro-RJ.

Nesses encontros, as travestis discutiam questões ligadas às suas realidades de vida, além de estratégias políticas para resoluções de problemas, e promoviam atividades de socialização e promoção de direitos e de construção da cidadania.

Das diversas temáticas discutidas pelas travestis, nos encontros semanais, ficava evidente a necessidade de maiores problematizações a respeito dos direitos humanos e da construção de cidadania, de modo a que as travestis pudessem ter maior participação social e política junto às tomadas de decisões da sociedade, e de maneira a promover uma cultura da paz e de convívio solidário com as expressões da diferença.

A sociedade moderna tem sido composta por muitas figuras contemporâneas que são construídas a partir de relações específicas em que as pessoas inventam modos de ser no mundo. Dentre estes diversos modos de vida do cenário contemporâneo, gostaríamos de evidenciar o modo travesti de existir no mundo.

A escolha por este modo de vida tem sido cada vez mais expressado por pessoas que inicialmente se deparam com a expressão de suas homossexualidades, derivando-se para uma singularidade outra, caracterizada por indumentárias e adereços contrários a sua determinação de sexo biológico. Escolhem construir um personagem feminino em um corpo biológico masculino. Escolhem construir novas relações de gêneros, inventando um outro feminino, o feminino travesti (BENEDETTI, 2000).

De um certo corpo do desejo se transplantam para um corpo do *design* que, embora marcado pelas demandas sociais e culturais que influenciam a construção de uma estética corporal, expressam a emergência e o exercício da singularidade.

Mas a escolha por essa estética, por esta estilística da existência, se defronta com resistências, discriminações e sofrimentos, que nos levam a refletir a respeito da dor que é experimentada e sofrida pelas pessoas que se decidem por essa forma de existir no mundo,

ousando “ultrapassar os limites de seu próprio corpo, em função de sua felicidade” (SCHNEIDER, 2000<sup>1</sup>).

A expressão travesti no cenário contemporâneo se esbarra em um modo de organização social, comprometido por valores e significados culturais que se orientam pelas estruturas do patriarcalismo.

O patriarcado,

Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação, e à cultura. Os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo. (CASTELLS, 1999, p. 169)

Nesta configuração existencial regida pelo patriarcado, são estabelecidos os processos de normatização que produzem as definições a respeito das sexualidades, dos gêneros e das práticas amorosas e sexuais, bastante influenciadas pela filosofia moral e pela fisiologia reprodutiva. (WEEKS, 1999)

Se a expressão da homossexualidade já é vivida como estranha e desestabilizadora da moral e dos bons costumes, na sociedade contemporânea a emergência da estética travesti denuncia uma crise da binaridade dos gêneros, colocando em cheque todas as referências do que possa ser considerado masculino ou feminino, embaralhando os códigos de inteligibilidade, de modo a reivindicar novos olhares e novas significações.

A figura da travesti surge como uma afronta às instituições mais sagradas que conhecemos - a família, a igreja, o estado - e com o modelo da heterossexualidade.

Na relação com a família encontra resistência em ser aceita, chegando muitas vezes a sofrer violências físicas e verbais, culminando muitas vezes na expulsão de casa.

Na relação com a igreja (principalmente a católica e as evangélicas, pois o Candomblé as acolhe) nem sempre consegue ser acolhida, e, assim, exercitar suas crenças.

Na relação com o estado, é negligenciada pela ausência de políticas públicas, o que não lhe permite acesso a bens e serviços de qualidade, assim como de maior participação social e política nas tomadas de decisões, de modo a promover a construção da cidadania.

Na relação com o modelo da heterossexualidade que é imposto pelo patriarcalismo como prática compulsória, o processo de formação de sua auto-estima e de sua dignidade fica comprometido.

Desta forma, a socialização dessas pessoas vai se distanciando de uma socialização esperada pela sociedade patriarcal e heterossexista, impondo as mais diversas formas de exclusão social, econômica, cultural, sexual e de gêneros que, por sua vez, acarretam sofrimento psíquico e desvalorização de si.

Esse tipo de processo de desenvolvimento de si vai levando a pessoa a cada vez mais se desvalorizar frente ao mundo e aos outros, acreditando que deva ocupar o lugar dos excluídos e marginalizados, e chegando muitas vezes a se anular enquanto pessoa e cidadão. Acostuma-se

---

<sup>1</sup> SCHNEIDER, M. *Eu quero viver de dia*. Curitiba (texto pessoal da autora), 2000.

com a idéia de que, por ser travesti, deve se contentar com migalhas dadas pelos programas governamentais ou, ainda, com os recursos que consegue através da prostituição, na maioria das vezes a única forma de renda e sobrevivência, dadas as dificuldades de acesso aos estudos e à profissionalização, impossibilitada por sua estética glamourosa e sedutora.

Devemos lembrar, contudo, que a associação feita entre travestis e prostituição, embora a maioria esteja trabalhando neste ramo, ou seja, como profissionais do sexo, não deve ser tomada como certa, pois encontramos muitas delas trabalhando em serviços domésticos, salões de cabeleireiros, como funcionárias públicas ou, ainda, embora de forma ímpar, em casos como o de uma advogada (Fortaleza-CE), uma psicóloga (São Paulo-SP), uma enfermeira (Porto Alegre-RS) e uma vereadora de uma cidade do sertão piauiense (Colônia-PI).

Na literatura sobre o tema, apesar de limitada, encontramos referências a algumas situações que acolhem as travestis, mediante condições, como é o caso da diretora de uma escola que diz aceitar travestis em suas dependências, desde que tenham bom comportamento (OLIVEIRA, 1984<sup>2</sup>) ou, ainda, quando moradores da Lapa, no Rio de Janeiro, fazem distinções entre as que se prostituem e as que têm outras formas de trabalho, das que são “escrachadas” e as que são “recatadas” (SILVA, 1993).

Podemos perceber, assim, através dessas nossas observações etnográficas, que muitas mudanças já ocorreram no sentido de uma maior aceitação das travestis no espaço público. Hoje as vemos circulando pelas ruas e praças da cidade, não só à noite, como prostitutas em regiões de “batalha”, mas também durante o dia, ampliando seus espaços de circulação, que eram restritos aos quartos da pensão e ao ponto de prostituição (BENEDETTI, 2000). Em um passado não muito distante, as travestis seriam agredidas físico-emocionalmente durante uma circulação diurna, por mais discretas que fossem.

Em entrevista concedida à revista eletrônica *Mix Brasil* em 27/02/2001, Cláudia Wonder, uma travesti atriz e ativista, fala da dificuldade que tinha há alguns anos atrás para comprar pão na padaria próxima de sua casa pela manhã, sabendo que teria que ouvir insultos e que estaria exposta a levar pedradas e outros objetos que as pessoas jogavam.

Hoje vemos um certo avanço nas conquistas feitas no espaço social, como conseqüência da organização política das travestis, que vêm construindo associações e ONGs que atuam na defesa dos direitos humanos e na promoção da cidadania da comunidade transgênero.

Mas mesmo assim essas conquistas são insuficientes, pois o acesso à educação e à profissionalização ainda fica restrito a apenas alguns poucos casos. O acesso a certos bares e boates, cinemas e teatros, escolas de informática e outros cursos profissionalizantes, não lhes é assegurado, chegando-se muitas vezes a proibir a sua entrada ou a cobrar ingressos com preços duplicados ou triplicados.

Hoje, depois de muita batalha e reivindicações pelo direito de ser, algumas poucas travestis conseguem acesso a cursos de formação, o que, por sua vez, contextualiza o episódio que queremos relatar:

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA, M. J. *Jogo de cintura: uma etnografia sobre travestis em Florianópolis*. Florianópolis: Departamento de Ciências Sociais, UFSC, 1984 (Impressão mimeografada).

Michele é uma travesti de 45 anos, líder de um grupo de travestis carioca que, a partir do movimento da luta contra a AIDS, se engajou em trabalhos pela defesa dos direitos humanos e de construção da cidadania travesti.

Na condição de líder do movimento travesti, tem participado de diversas comissões municipais, estaduais e federais que discutem estratégias de prevenção em DSTs/HIV/AIDS, assim como de resgate da auto-estima e de participação social e política de travestis nos referidos órgãos e comunidades.

Michele vem de uma vida pregressa de prostituição, com histórico familiar de rejeição, que foi sendo amenizado a partir de sua inclusão nos grupos que lidera, resgatando sua auto-estima e fortalecendo seus interesses por uma melhor qualificação profissional e pessoal. Assim, há três anos vem freqüentando uma escola pública de línguas, tendo inclusive sido bem aceita por seus colegas e professores.

Em uma tarde, ao precisar de um endereço para visitar uma certa ONG, liguei para Michele, que me disse que iria naquela noite para o mesmo endereço e, como freqüentava a referida escola próxima de minha casa, combinamos que eu iria ao seu encontro na saída da aula, assim, poderíamos ir juntos até a ONG que visitaríamos.

Ao me encontrar com ela na porta da escola, vi-a chorosa e bastante abalada por uma situação que havia vivido. Michele tinha um bom relacionamento com uma moça que fazia o mesmo curso e as duas mantinham uma relação de amizade e respeito que muito a gratificava. Porém, naquele dia, ao chegar na escola, sua amiga estava conversando com um rapaz, segundo ela muito bonito e bem vestido, e, ao se aproximar da mesma, foi rejeitada como se não a conhecesse. Michele chorava pois não esperava que a amiga fosse se comportar daquela maneira.

Ao ser indagada sobre o motivo por que chorava, disse:

Sabe, eu sei que as travestis não são aceitas pela sociedade, fui rejeitada pela minha própria família, já vivi muita humilhação, mas achava que ela era minha amiga, sempre ajudava ela nas tarefas da escola, íamos à cantina juntas, ou me acompanhava até a estação do metrô, e, agora, só porque ela estava com um rapaz bonito e bem vestido ela fez de conta que não me conhecia. É duro pra gente sentir na pele a discriminação, parece que a gente não vale nada, é como se a gente fosse uma coisa ruim que deve ser evitada por todo mundo, é duro a gente querer ser amiga das pessoas e elas nos rejeitarem. Mas não tem nada não, eu tenho que valorizar as pessoas que gostam de mim.

Michele nos fala de uma situação em que experimentou a fria e dura manifestação da rejeição que provocou dor e sofrimento. Fala-nos de uma dor que nada tem a ver com sintomas físicos, e que, embora vivida no corpo, produz sensações de outra ordem: na esfera do invisível, do subjetivo e do emocional. Uma dor que, embora presente na vida de muitas pessoas, é experimentada de forma solitária e particular, marcada por sua singularidade, que Richard Sennett (1988) discute quando fala da solidão da diferença, que produz a sensação de estarmos sozinhos mesmo no meio da multidão. Uma experiência de solidão e sofrimento, que gostaríamos de chamar de “dor da diferença”.

Se nos orientarmos pelo modelo bio-médico e essencialista, iremos encontrar leituras que provavelmente dirão que essa queixa seria uma produção imaginária, pois a mesma não se relaciona a campos nervosos ou conexões bioquímicas, de modo a ser desprezada por profissionais menos avisados (MORRIS, 2000).

A dor física hoje deixa de ser preocupante pois os avanços na produção de drogas de última geração, tais como analgésicos, anti-inflamatórios, anti-depressivos tricíclicos, anti-convulsivantes e benzodiazepínicos, têm feito com que as pessoas sofram menos diante das experiências das dores provocadas por sintomas físicos (Idem).

Porém, o que este autor nos evidencia é uma nova compreensão da dor, que nos orienta para o que ele denomina “modelo bio-cultural”. Este modelo pontua que a experiência da dor é sempre inseparável do contexto cultural. Assim, a experiência vivida por Michele dentro de uma sociedade conservadora e moralista, orientada pelos modelos machistas, heterossexistas e patriarcais, não pode ser analisada fora do contexto em que a mesma é experimentada.

O modelo bio-cultural proposto por Morris (2000) propõe as seguintes considerações:

- 1- que a dor deve ser vista mais do que assunto médico a ser relacionado com nervos e neuro-transmissores;
- 2- que a dor deve ser analisada a partir de suas referências históricas, psicológicas e culturais;
- 3- que o significado atribuído à dor é fundamental para sua compreensão; e
- 4- que a mente e a cultura têm uma influência muito importante na experiência da dor.

Nesta visão proposta pelo modelo bio-cultural, é colocado em xeque o modelo bio-médico que resiste em aceitar as influências que a cultura e a vida social têm na experiência da dor. A insatisfação vivida nas relações com o mundo, com as pessoas e consigo mesmo, marcada pelos conflitos familiares, econômicos e sociais, assim como pelos traumas emocionais vividos no passado, quase nada é relevada na compreensão das origens e das causas do sofrimento das pessoas.

A formatação da sociedade contemporânea, movida pelos modelos assépticos dos modos de ser no mundo, sempre marcados pelas referências cristãs, patriarcais e heterossexistas, estimula as pessoas a serem verdadeiros policiais das diferenças, discriminando, violentando e excluindo os que fazem escolhas diferentes e singulares.

O olhar disciplinar e modelador age com destreza e intensidade fortemente direcionadas sobre a diferença, levando as pessoas a viverem um mal-estar muito grande, que as coloca em situações de sofrimento insuportável.

Michele nos traz em sua fala sua dor e sua solidão. A sua experiência de sofrimento e de desamparo, embora não remeta às questões físicas, nos fala de uma dor que é vivida na alma, a dor que emerge por ser diferente, por ser singular, e, assim, rejeitada por não fazer parte dos grupos normatizados e reprodutores dos modelos previamente dados de como funcionar e ser no mundo.

A dor da diferença acarreta sensações que levam as pessoas a se desvalorizarem enquanto seres humanos, assimilando a discriminação de forma naturalizada, supervalorizando a norma como regra geral a ser obedecida.

Em outra situação de contato com travestis em que há experiências vividas de preconceitos e discriminações, encontramos Sarita, uma travesti negra que também freqüentava as reuniões do Projeto TRAVESTEIA. Ela nos diz o seguinte: “Sabe, pra gente que é travesti parece que tudo é mais caro”.

E é mais caro não só no sentido econômico - em boates gays as travestis são obrigadas a pagar ingressos mais caros - mas no sentido da existência como um todo, que lhes impossibilita o direito de ir e vir, de ter acesso à educação, ao trabalho, à cultura e ao lazer.

A ocupação desse lugar da rejeição, da discriminação e da desigualdade social e de gênero, faz com que essas pessoas se componham com outras referências que são marcadas pela marginalidade, pela impotência diante das reivindicações de direitos, que naturalizam sensações e pensamentos de que são erradas e, por conseguinte, devem se conformar com migalhas e caridades que lhes são conferidas, silenciando a sua dor e o seu sofrimento.

Embora o sofrimento seja vivido de forma individual, a forma de sua produção é sempre coletiva e delineada pelas relações sociais, pois, como bem apontou Morris (2000), o sofrimento não é uma experiência solitária individual, mas uma consequência social.

Além de as travestis sofrerem pela discriminação e pela exclusão frente às oportunidades e informações, ao longo da história da humanidade foram sendo produzidas verdadeiras mordanças sonoras que lhes proíbem o direito de voz e de expressão. Em seu processo de sofrimento, a experiência da dor é vista como fraqueza humana, impedida que são de se expressarem em decorrência da crença de que o lugar que ocupam na sociedade é o de cidadãos de segunda categoria.

Viver à margem traz consequências muito caras às pessoas que ocupam esse lugar: por um lado experimentam a dor por serem diferentes e, por outro, o sofrimento por se sentirem fracas e impotentes diante da dor.

A impotência que vai sendo produzida em decorrência da falta de oportunidades diante da vida vai fazendo com que as travestis ocupem um lugar de exclusão em relação aos grupos normalizados e, ao mesmo tempo, um lugar de inclusão nos grupos marginalizados, ocorrendo aquilo que Castells (1999) denominou “inclusão perversa”.

Isto, por sua vez, vai configurando um outro tipo de biossociabilidade, que se dá em decorrência das identificações marcadas pelo estilo de vida travesti, que possui estética própria, com valores específicos e uma linguagem diferenciada.

As relações vão sendo construídas de acordo com possibilidades e dificuldades que vão sendo impostas pelos modelos dominantes dos modos de ser no mundo, marcados sempre pela moralidade cristã, a organização patriarcal e a referência heterossexista, levando-as a comporem estratégias de sobrevivência dentro de um mundo marginalizado em que as desigualdades sociais dão o tom de sua expressão. Apesar de serem atravessadas pelas mesmas imagens e sentidos que compõem o cenário contemporâneo de outras pessoas, a apreensão desses modelos é filtrada pelas condições reais em que as mesmas conseguem compor as relações com o mundo, com as pessoas e consigo mesmas, de modo a constituírem uma estilística da existência (ORTEGA, 1999), reivindicando o direito fundamental à singularidade (GUATTARI, 1985), marcado por relações de saber-poder (FOUCAULT, 1985) compostas sempre dentro dos referentes históricos e culturais nos quais são construídas.

Uma biossociabilidade e uma bioescese singular vão se desenhando no corpo e na expressão do modo de ser travesti que, apesar de romper com as normas e modelos impostos, encontra dificuldades em se assumir como diferença, o que solicitaria a inclusão dessas pessoas em frentes de trabalho e de promoção da cidadania, assim como a necessidade de serem contempladas com políticas públicas que se voltem para essa comunidade.

Apesar das experiências de exclusão nas quais as travestis são expostas, que lhes negam direitos essenciais à vida, tal como o de se relacionar de forma igual a todo mundo, as travestis vão compondo um mundo no qual é possível inclusive produzir felicidade, dentro de uma subcultura que vai conquistando espaços e construindo novas práticas de solidariedade e tolerância, rumo à promoção e à educação para uma cultura da paz.

Na nossa relação com o mundo glamouroso das travestis, vamos ficando encantados e enebriados com a alegria e a vontade de vida que é tão intenso em suas vidas.

Apesar de estarem o tempo todo expostas à violência física e verbal, à incompreensão de suas escolhas existenciais, às violações de seus direitos enquanto cidadãs, é frequente vermos em suas expressões a manifestação de uma alegria tão extasiante que, sem ela, com certeza as mesmas não teriam prazer em viver, e muito menos em nos presentear com o glamour de sua leveza e a criatividade com que engendram novas formas de ser no mundo, demonstrando, assim, que viver a vida intensamente é possível, desde que as verdades e as certezas sejam colocadas em problematizações permanentes.

PERES, W. S. Contemporary biosociability and transgender expression. *Revista de Psicologia da UNESP*, n 1, p. 8-17, 2002.

**Abstract:** *This paper is based on foucaultians researches that study the experiences of pain. Besides physical pain, we aimed to create a cartography of some scenes that evidenced the experience of the subjective and invisible pain; the pain of the stigmatization and of the social exclusion lived by some transvestites of the city of Rio de Janeiro. By making the cartography of these experiences, we broke the scenes, aiming to problematize on the emergency and the provenience of several components that participate in these experiences of pain that so much contribute to the raising of the vulnerabilities that set these people into risks and discrimination. In general, despite the difficulties generated by the prejudices and exclusions that produce so much physical and subjective pain lived by the transvestites, we want to point out another movement, more political and liberating that takes the experience of pain as a device of reclaimed fight for rights to have rights, of being able to participate in the decisions making situations of society and build their citizenships.*

**Keywords:** *transgender; transvestites; stigmatization; pain; citizenship.*

### **Referências**

- ARMSTRONG, D. Bodies of knowledge/knowledge of bodies. In: JONES, C.; PORTER R. (orgs). *Reassessing Foucault: power, medicine and the body*. London, New York: Routledge, 1998.
- BENEDETTI, M. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 2)
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. v. 4

- ECKERMANN, L. Foucault, embodiment gendered subjectivities: The case of voluntary self-starvation. In: PETERSEN, A.; BUNTON, R. (orgs.) *Foucault - Health and medicine*. London, New York: Routledge, 1997.
- FERNANDEZ, J. El travestismo: ruptura de las identidades sexuales, reforzamiento de los procesos de generización o identidad paradójica? Buenos Aires: 2000.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Unesp, 1993.
- GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GUSFIELD, J. R. Nature's body and the metaphors of food. In: LAMONT, M.; FOURNIER, M. *Cultivating differences: symbolic boundaries and the making of inequality*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1992.
- KLEIN, C. From on "Battle" to another: the making of a travesti political movement in a brazilian city. *Sexualities*, v. 1, n. 3, p. 327-42, 1998.
- KULICK, D. The gender of brazilian transgendered prostitutes. *American Anthropologist*, v. 99, n. 3, p. 574-585, 1997.
- LE BRETON, D. Reflexions sur la médicalisation de la douleur. In: AIACH, P.; DELANOE, D. (org) *L'ère de la médicalisation: ecce homo sanitas*. Paris: Anthropos, 1998.
- LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MIX BRASIL. 2001. Disponível em: <[http://www. mixbrasil.uol.com.br/mixbrasil/centralplus/hcentral.asp](http://www.mixbrasil.uol.com.br/mixbrasil/centralplus/hcentral.asp)>
- MORRIS, D. B. *Illness and culture in the postmodern age*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2000.
- ORTEGA, F. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SILVA, H. R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER, 1993.
- WEEKS, J. Corpo e sexualidade. In: LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.